

CONVIDE A DEITAR

INVITE TO LIE DOWN

*Isabela Vida Moreno*¹ – UNICAMP

Resumo

O presente ensaio visual, denominado “Convide a Deitar”, constitui-se como uma série de quatro intervenções artísticas que instigam uma crítica reflexiva acerca da presença de monumentos que exaltam personalidades históricas controversas no Brasil. O projeto questiona a continuidade desses ícones de veneração, historicamente ligados à opressão e violações dos direitos humanos. As colagens digitais, flexíveis a variados ambientes e configurações, instigam uma reavaliação crítica e uma nova contextualização desses monumentos no tecido urbano brasileiro. A proposta de exibição como lambe-lambe busca democratizar o acesso e provocar uma reflexão sobre a memória e a justiça histórica, essenciais na formação de uma sociedade mais equitativa e conscientizada.

Palavras-chave: monumentos públicos; paisagem urbana; memórias subalternizadas, colagem digital.

Abstract

The current visual essay, titled “Invite to Lie Down,” is a series of four artistic interventions that provoke a reflective critique regarding the presence of monuments that glorify controversial historical personalities in Brazil. The project questions the continuity of these icons of veneration, historically linked to oppression and human rights violations. The digital collages, adaptable to various environments and settings, encourage a critical reassessment and a new contextualization of these monuments within the Brazilian urban fabric. The exhibition proposal as wheatpaste posters seeks to democratize access and provoke reflection on memory and historical justice, essential in shaping a more equitable and aware society.

Keywords: public monuments; urban landscape; subalternized memories; digital collage.

¹ Mestra em Artes Visuais na linha de pesquisa Poéticas Visuais e Processos de Criação - Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP (2020-2023). Especialização em Fotografia, Arte e Mediações - UNICAMP (2018-2020). Graduada em Bacharelado e Licenciatura em Artes Visuais na UNESP (2010-2016). <http://lattes.cnpq.br/2055422396730028>



Imagem 1: Ilustração realizada pelo artista de rua Banksy, 2022.

Apresentação

Há muito tenho buscado refletir sobre nossa história a partir de figuras monumentais sobre pedestais de mármore, ou eternizadas em bronze. Todavia, estas figuras são muitas vezes desconhecidas pela população, vítimas de excrementos de pombos e “apagadas” na paisagem-rotina de quem vive na metrópole e não as notam mais. Diante disso, passei a questionar-me: qual a representatividade e, principalmente, a não representatividade destes monumentos? Por que tantos homens brancos e militares armados? Onde estão as mulheres, negros e indígenas nessas representações?

Recordo-me de quando o Iraque foi invadido pelo governo de George W. Bush (EUA) e seus soldados tomaram Bagdá, derrubando uma grande estátua de Saddam Hussein. Esta cena me marcou. Testemunhamos ali parte da história sendo escrita e documentada, podendo afirmar que derrubar um monumento também é escrevê-la – e, nesse caso, com o agravante do imperialismo.



Imagem 2: Soldados americanos tampando o rosto de uma estátua de Saddam Hussein com uma bandeira dos Estados Unidos antes de derrubá-la, em Bagdá. Foto: Goran Tomasevic/Reuters/2003.

Em 2020, fomos pegos de assalto pela pandemia do coronavírus e, devido à quarentena e sob a recomendação de mantermos o isolamento social, passei a produzir colagens digitais em casa. Durante este mesmo período, ressurgiu o movimento *Black Lives Matter*. Essa é uma iniciativa ativista de alcance global, originada na comunidade afro-americana, que se empenha em combater a violência direcionada especificamente às pessoas negras. As manifestações de rua derrubaram e picharam estátuas e monumentos, num ato que questionava figuras autoritárias e escravocratas que escreveram uma história sanguinária. Nesse cenário, “convidar a deitar” estes monumentos se tornou um dos assuntos mais urgentes e comentados no mundo.

A série “Convide a deitar” nasce do desejo de repensar nossa história por meio de esculturas públicas monumentais destinadas a adornar o tecido urbano. Os monumentos responderam aos imperativos ideológicos de legitimação colonial, escravista e militar, encrustados no urbanismo. Trata-se de fatos e personagens, com presença tangível, que contaram histórias do imaginário colonizador, constituindo os alicerces de sua didática cívica. Monumentos contemporâneos são anti-monumentos em sua interpretação e ressignificação da história. Proporcionam suportes plausíveis para a memória, mesmo quando solapam as formas tradicionais de comemoração. E este sentimento atravessa essas colagens digitais na era pós-monumental desta série.

As imagens são de acervo pessoal e o projeto visa convidar os mais diversos escravagistas, misóginos, bandeirantes etnocidas, ditadores assassinos homenageados em monumentos do Brasil para descansarem em berço esplêndido, nas covas fotografadas durante a pandemia, que já receberam mais de 591 mil brasileiros pelas mãos cobertas de sangue do desgoverno nacional do período pandêmico. Brasil, terra que desafia o nosso peito a própria morte!

Convide a deitar Duque de Caxias_2021

Ergue-se na Praça Princesa Isabel, no cruzamento das avenidas Duque de Caxias e Rio Branco, o Monumento a Duque de Caxias. Esta estátua equestre, a maior do gênero no mundo com seus imponentes 48 metros,

domina o cenário urbano do centro de São Paulo. Representa o Duque de Caxias, figura militar de notória rigidez, que durante o período da Regência, suprimiu com mão de ferro as insurreições populares. Sua postura imperialista e defensora da escravidão culminou na trágica Balaiada, onde cerca de 10 mil vidas foram ceifadas, episódio este marcado na história como o Massacre de Porongos. Ainda não caiu do seu cavalo, mas quando cair convide-o a deitar.



Imagem 3: Isabela Vida Moreno. “Convide a deitar Duque de Caxias”, da composição da série “Convide a deitar”, colagem digital, 2021.

Convide a deitar Borba Gato_2021

O monumento de Borba Gato, registrado com tintas coloridas após protestos, na colagem, sendo convidado a deitar, já na vida real, segue em pé na região de Santo Amaro, em São Paulo, com direito a escolta da GCM e tudo.



Imagem 4: Isabela Vida Moreno. “Convide a deitar Borba Gato”, da composição da série “Convide a deitar”, colagem digital, 2021.

Convide a deitar Costa e Silva_2021

Derrubada do busto do ex-presidente Costa e Silva, um dos 377 feitores da ditadura militar citados pela Comissão Nacional da Verdade (CNV) como violador dos direitos humanos. Em 2014, o monumento foi retirado da via pública de Taquari (RS) e realocado no museu da cidade, que leva seu nome. Aqui, convido-o a deitar.



Imagem 5: Isabela Vida Moreno. “Convide a deitar Costa e Silva”, da composição da série “Convide a deitar”, colagem digital, 2021.

Convide a deitar a bandeira_2021

Na efígie de Victor Brecheret, reverenciam-se os pioneiros da colonização, o “Monumento às Bandeiras” torna-se uma homenagem meticulosamente concebida na década de 1920. Contudo, a escultura só foi exposta mais de 30 anos depois, em 1953, durante as solenidades que celebraram o quarto centenário da cidade de São Paulo. O monumento, imponente e sólido, é composto por 240 blocos de granito, cada um pesando 50 toneladas.

Essa representação artística, entretanto, não é isenta de controvérsias. Os bandeirantes, figuras centrais na história paulista, oscilam entre dois polos: são ora associados ao “progresso” da nação, ora à sombra do extermínio dos grupos indígenas. Nesta colagem de memórias, eles trilham um percurso que se entrelaça com a própria morte. E assim, convido-os a deitarem, a repousarem sobre o solo que testemunhou suas façanhas e contradições.

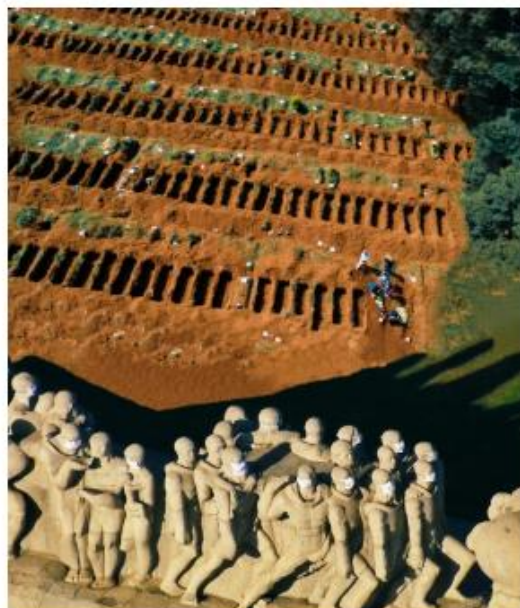


Imagem 6: Isabela Vida Moreno. “Convide a deitar a bandeira”, da composição da série “Convide a deitar”, colagem digital, 2021.

Além do aspecto visual e artístico dessas intervenções, é importante abordar o contexto acadêmico que envolve a discussão sobre monumentos públicos que celebram figuras historicamente opressoras. A presença desses monumentos na paisagem urbana reflete não apenas uma homenagem àqueles que são considerados heróis nacionais, mas também perpetua narrativas seletivas da história, que muitas vezes ignoram ou minimizam as experiências e perspectivas de grupos marginalizados. Através da análise crítica desses monumentos, é possível compreender como determinadas figuras são glorificadas enquanto outras são silenciadas ou apagadas da memória coletiva.

Epistemologicamente, o ensaio visual fundamenta-se nos Saberes Subalternos, abrangendo os Estudos Culturais (Canclini, 1994; Hall, 2011), a teoria pós-colonial (Spivak, 2010) e o giro decolonial (Escobar, 2005; Quijano, 1992; Mignolo, 2003). O artigo de Aguiar (2016), “Teoria pós-colonial, estudos subalternos e América Latina: uma guinada epistemológica?”, orienta a análise ao oferecer um panorama histórico relevante sobre a colonialidade do poder e sua influência na cultura visual, popular e patrimonial.

As obras citadas convergem na análise crítica da colonialidade e seu impacto na cultura e identidade. Canclini, Hall e Spivak, com seus estudos culturais e teorias pós-coloniais, juntamente com Escobar, Quijano e Mignolo,

através da perspectiva decolonial, desvelam as estruturas de poder que moldam a sociedade. Aguiar (2016) sintetiza essas discussões, destacando a necessidade de repensar a narrativa histórica e a representação visual, enfatizando a urgência de uma revisão epistemológica que reconheça e valorize os saberes subalternos na América Latina. Juntos, esses autores fornecem um arcabouço teórico para desafiar e transformar a hegemonia cultural e social, promovendo uma compreensão mais inclusiva e justa do passado e do presente.

Nesses termos, a compreensão da história da escultura pública não se basta nela mesma, pois sua concepção não pode ser isolada do processo social de moldagem que envolve a escultura comemorativa. A partir de sua estrutura narrativa e da articulação entre ordem temporal e ordem espacial da cidade, a escultura urbana sob a vista do monumento impõe certa leitura dos fatos, organizando uma narração histórica conduzida e sistematizada.

Conforme Knauss (2000, p. 407), a imaginária urbana, por meio de sua operação historiográfica, “monumentaliza o passado”, conferindo sacralidade à cidade e aos eventos históricos. Assim, o passado é esculpido na paisagem urbana, tornando-se parte integrante dela.

Na tradição da civilização ocidental, os monumentos figurativos em bronze, mais do que tudo, representaram uma saída estratégica bastante eficaz para a disseminação dos postulados cívicos e, por que não, da ideologia, da moral, das leis e dos costumes de sociedades que, por meio do imaginário nacionalista, difundiram uma infinidade de valores correlatos, mundo afora, a partir da Revolução Francesa. (OLIVEIRA, 2012, p. 15).

Nesse sentido, iniciativas como o "Convide a Deitar" destacam a importância do debate público e da participação cidadã na reconstrução de narrativas históricas mais inclusivas e plurais, que reconheçam os impactos do passado no presente e orientem os rumos do futuro em direção a uma sociedade mais justa e equitativa.



Imagem 7: Isabela Vida Moreno. Layout de composição da série “Convide a deitar”, colagem digital, 2021.

Referências

AGUIAR, Jórissa Daniella Nascimento. Teoria pós-colonial, estudos subalternos e América Latina: uma guinada epistemológica? Estudos de Sociologia. São Paulo, v. 21, p. 273-289, 2016.

CANCLINI, Néstor García. Culturas híbridas: estratégias para entrar y salir de la modernidad. Buenos Aires: Sudamericana, 1992.

HALL, Stuart. Estudos culturais: dois paradigmas. In: Da Diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

KNAUSS, Paulo. A festa da imagem: a afirmação da escultura pública no Brasil do século XIX. Rio de Janeiro: 19&20, v. V, n. 4, 2010.

LE GOFF, Jacques. História e Memória. São Paulo: Editora da Unicamp, 2008.

MIGNOLO, Walter. Histórias locais/Projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Trad. de Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

OLIVEIRA, Márcia Mansur de. Vidas Dedicadas. A lei do registro do patrimônio vivo: transmissão, reconhecimento e tradição. Recife, 2010. Dissertação de Mestrado. PPGA

PALLAMIM, Vera. Arte, Cultura e Cidade. Aspectos Estético-Políticos Contemporâneos. São Paulo: Annablume, 2015.

SPIVAK, Gayatri C. Pode o subalterno falar? 2a. Ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.